

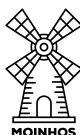


Brazza



Brazza

Mariana Brecht



**Ao meu avô:
suas histórias
sempre serão
minha casa.**



Mas se as pernas avançam por vontades superiores,
soberanas ou divinas, já o coração – o mais
insolente músculo de toda a anatomia – dita,
em paralelo, outras razões para a marcha.

Tabu (Miguel Gomes)

Et puis le temps, la distance et la nostalgie
finissent toujours par transformer les
pires colères en chants d'amour.

Le Ventre de l'Atlantique (Fatou Diome)

Abro o mapa na chuva
para ver
pouco a pouco
diluírem-se as fronteiras

*O livro das semelhanças
(Ana Martins Marques)*



DIA 1

Querido Michel,

Você já se deparou com pessoas invisíveis?

Depois de sobrevoar o deserto por três horas, o avião pousou na cidade de luzes escassas. Ali, os carros se movem sem motoristas, as comidas se engolem sozinhas, as malas de rodinhas seguem viajante nenhum.

Pelo aeroporto, dei passos incertos. Ele me parecia vazio.

Entrei no carro, não sabia o que dizer:

como se fala com alguém invisível?



Depois de trinta horas de viagem, finalmente aterrissei em Brazzaville.

Desde a escala em Paris, o voo estava quase vazio:

alguns homens de negócio

uma mulher sozinha e seus três filhos

eu.

Pude esticar as pernas.

Vi anoitecer no Saara e sua escuridão me acalentava. Mas, mesmo assim, uma pergunta me tirava o sono:

O que eu poderia fazer para que o avião desviasse sua rota

atravessasse o Atlântico

e pousasse com urgência

em você?

Eu já sentia sua falta.

Uma voz me dizia que eu não deveria estar ali: quatro semanas demoram a passar quando a gente tem saudade.

Outra voz se opunha: é um trabalho social, os vídeos trarão melhorias para a população do Congo, e você sempre disse que queria viver num mundo melhor.

Durante todo o voo, as vozes não se calaram, inoportunas. E eu não sabia separar a angústia da intuição, tal um jogo de varetas em preto e branco.

Ou um quebra-cabeças de dez mil peças formando o céu de outubro sobre o Saara.



Quando saí do avião, fui surpreendida por uma barreira de pessoas vestindo branco. Um rebuliço. Alguns passageiros passavam por ela, outros eram detidos.

Era o controle da vacina contra a febre amarela.

Roberta, a produtora de São Paulo, me instruíra a me vacinar com no mínimo dez dias de antecedência. Caso contrário, não entraria no país.

Os eventos seguiam seu protocolo, e eu também.

Enquanto esperava na fila, refiz meus passos até chegar em Brazzaville:

1. A vaga no LinkedIn.
2. A primeira reunião com os produtores.
3. A oferta.
4. O contrato.
5. A despedida.
6. O embarque.

Tudo no intervalo de tempo necessário para produção de anticorpos contra a febre amarela.

Enquanto esperava na fila, tive o impulso de fazer algo estúpido e definitivo: arrancar com violência o certificado de vacina preso a meu passaporte e comê-lo. Ferir a ordem natural das coisas para descobrir onde tudo terminaria.

Criar uma ramificação caótica me daria a impressão de estar no controle e não só seguir.

A fila avançou.

Minha mão direita, vigilante a meus desgovernos, tratou de apresentar disciplinada o passaporte e o certificado da vacina à responsável pelo controle. Meus lábios complotistas agradeceram à funcionária com um sorriso simpático e um

— *Merci*

bem-educado.

Eu não sabia se a fiscal contaria os dias. Ela contou.

Dez dias exatos, devido às pressas da contratação, do embarque imediato, do caráter urgente da missão, que me obrigaram a sair de meu emprego anterior sem cumprir o aviso prévio e a deixar os sacos plásticos das meias recém-compradas espalhados pelo chão do apartamento.

A funcionária me devolveu o passaporte e desejou uma boa estada. Agradei. Caminhei até as esteiras de bagagem.

Enquanto aguardava minha mala, vi passar uma caixa de papelão pela esteira.

“Bagagem não conforme” – indicava uma etiqueta.

Ela dava voltas e voltas, abandonada, talvez resquício de um voo anterior.

Algo na trajetória viciada daquela caixa me fez pensar no meu eterno retorno. No meu eterno partir. Na nossa despedida apressada.

Desde que saí de São Paulo, meu ar parece rarefeito, como se fizesse só a metade do caminho e, em seguida desistisse, voltasse atrás sem cumprir seu propósito.

Como a caixa que vai e vem. Não conforme.

Sem ninguém para tirá-la dali.

De repente me faltou o ar nos espaços preenchidos pela angústia.

A maioria das pessoas nem sabe que este Congo existe – até mesmo no tabuleiro de *War*, o Congo é um só.

Um só território – estratégico, embora falacioso.

A curiosidade para saber o que havia naquela caixa me torturava.

Reconheci nela a mesma curiosidade que me trouxe até aqui. Uma curiosidade crônica pelos *sapeurs*. Pela floresta. Pela estranha empresa brasileira que financia hospitais e cisternas no Congo e sobre a qual eu produziria vídeos promocionais.

Foi só quando minha mala despontou na esteira que me dei conta de que a tal caixa não conforme era minha bagagem. Havia sido despachada por Roberta, embora eu não fizesse a menor ideia do que havia ali dentro. Desobedecendo todas as regras impressas nos cartazes do aeroporto, transportava em meu nome uma caixa de conteúdo desconhecido.

Pensei: mais uma vez, me comporto com a imprudência estúpida de uma personagem de filme de terror.

E foi neste exato momento que levaram embora meu passaporte sem nenhuma explicação, levando também todas as possibilidades a não ser a de ficar.

Imaginei algumas tramas em que poderia estar envolvida. Nenhuma delas tinha um final feliz.

Eu passei então a torcer para ser a protagonista deste enredo de horror no qual, apesar de minha estupidez, sobreviveria.



Tudo aconteceu muito rápido.

Não havia fila na imigração. Entreguei meu passaporte a um guarda que nem abriu a primeira página e, desconfiado, me perguntou quem eu era e o que me levava ao Congo.

Respondi que meu nome era Manuela.

Que tinha 27 anos.

Que vinha de São Paulo.

Que falava, sim, francês.

Que trabalhava como assistente de produção.

De filmes, isso.

Que faria vídeos institucionais para uma empresa brasileira.

Que trabalharia para a

Geosil.

Palavra que abriu todas as portas, como Roberta bem havia me orientado.

O guarda pegou o passaporte da minha mão e desapareceu.

Seu vizinho de guarita começava a receber os passageiros de um outro voo, que acabara de aterrissar. E quando eu lhe perguntei o que havia acontecido com meu passaporte, ele ergueu os ombros e disse:

— *Avancez, madame.*

Uma fila se formava atrás de mim.

O guarda que levou embora meu passaporte voltou ao seu posto, impassível. Ele já não tinha mais meu documento em mãos quando me olhou. Não esperava que eu ainda estivesse ali.

— *Avancez, madame.*

Eu não me movi.

Ele suspirou e então:

— Você poderá recuperar seu passaporte em breve – pausa. – *Avancez, madame.*

Desprovida de um documento ou de um endereço eu avancei.

Na saída para o saguão, não havia nenhum rosto conhecido ou placa com meu nome nela.



Sentei-me na área de desembarque, os pés apoiados na caixa de conteúdo desconhecido.

Era noite e eu olhava fixamente em direção à saída.

A porta automática de vidro

se abria

e se fechava.

Nenhum conhecido passava por ela.

A porta automática

se abria

e se fechava.

Não sei por quanto tempo esperei antes de notar o rosto que eu havia visto no Skype há três dias.

Leila andou em minha direção e me cumprimentou com um aperto de mãos formal. Falava rápido. Andava rápido.

Ela me entregou um telefone celular antigo em uma caixinha que já havia sido aberta muitas vezes. Com ele, recomendações expressas que eu priorize este aparelho ao meu *smartphone* pessoal. Todo cuidado é pouco, insistia.

Ao mesmo tempo em que falava, Leila digitava algo em seu *smartphone*.

Encarei-a, atônita com a contradição.

— Faça como quiser – respondeu.

Em seguida, me perguntou como foi a viagem e sentamos no banco de trás de uma caminhonete prateada com cabine estendida. Enquanto isso, a minha mala foi colocada na caçamba, junto com a caixa etiquetada.

O carro avançou pelas ruas escuras que ligam o aeroporto de Maya-Maya ao centro de Brazzaville.

Leila se lembrou então de me apresentar a Samuel, um homem de trinta e poucos anos, congolês, nosso motorista.

Emudeci.

Assumira que as malas se guardavam ou que o carro avançava sozinho.

— *Bienvenue* – Samuel me cumprimentou em francês. – Seja bem-vinda – em um português arranhado. – Me desculpe, meu português não é muito bom – de novo em francês.

Ao que lhe respondi em francês, perguntando como seria o agradecer em lingala. Queria mostrar que me importava. Precisava mostrar que me importava.

— *Merci* está bem – e se virou para a estrada.

Também passei a observar as ruas, havia tanto a ser visto.

É como se, a partir da presença de Samuel, todas as pessoas tivessem se materializado. Havia poucos pedestres. Os carros eram quase todos verdes e pequenos, antigos Toyotas dirigidos por taxistas apressados.

Dizem que alguns povos conseguem enxergar cinquenta matizes de branco na neve.

Perguntei-me de quantos tons de invisibilidade eu havia coberto Samuel.



Leila esperou meu hiato de contemplação com impaciência, respondendo a mensagens em seu celular. Retomou a conversa, como um apresentador de jornal que volta ao seu programa depois de um problema técnico.

— Você deu sorte, parece que as coisas estão mais calmas – me disse, como se eu estivesse inteirada da emissão que ela apresentava antes do contratempo.

— Você está falando dos protestos?

— Sim, é só no que se fala.

— Li que o exército matou quatro pessoas.

— Muito mais – me interrompeu. – Quatro mortos é o que diz a imprensa estrangeira. Eles mal sabem o que acontece aqui. O governo contabilizou dezoito. A oposição, sessenta. A real é que ninguém se importa. Foi um protesto na periferia.

— De um país que ninguém sabe que existe – sussurrei.

— Oi?

— O exército é violento – respondi.

— Os dois lados são, Manuela.

— Mas um deles é invisível.

O carro fez uma curva brusca. Me perguntei se Samuel nos entendia. No retrovisor, o seu olhar cruzou com o meu, mas não me trouxe respostas. E tampouco me esclareceu se foram catorze ou cinquenta e seis os que morreram incógnitos.

Um homem abriu o portão de entrada e o carro entrou em um jardim murado e sem flores.

Samuel me entregou a mala. Reparei que ele usava um paletó azul royal muito bem cortado, apesar do calor.

— Seja bem-vinda a Brazzaville, estou à sua disposição.



Leila me levou ao meu quarto – era o pior da casa, pois eu era a última a chegar. Ela não se importava. Nem fingia se importar, o que despertou minha simpatia.

O quarto tinha quatro metros quadrados, a janela era colada ao barulho do gerador.

— Pode me passar a senha do Wi-fi? Preciso escrever para Michel.

— Claro.

E não me perguntou quem era Michel. Logo agora que, imbuída em sua falta, eu precisava evocar seu nome a todo custo.

Talvez seja melhor assim.

— Mas estamos sem sinal de internet – completou Leila. – O presidente mandou cortar para que a oposição não se organize de novo.

— Como alguém pode cortar a internet?! – perguntei, visualizando Sassou-Nguesso segurando uma grande e infame tesoura, capaz de cortar a comunicação entre pessoas que estão a trinta horas de viagem.

— Ele pode fazer o que quiser. Você vai ter que esperar até amanhã. Boa noite, Manuela.

— Boa noite, Leila.

Leila fechou a porta do meu quarto e me deixou sozinha com o medo e o desejo que a oposição se articule.

Com a desconfiança de um presidente que se coloca entre mim e o Wi-fi.

Com os fantasmas de dezoito ou sessenta manifestantes.

Com o novo estatuto de visitante sem passaporte.

Com saudades suas.

Tranquei a porta.

O barulho constante do gerador cheirava a diesel.

Tentei em vão captar qualquer sinal e enviar qualquer mensagem. Insisti por uma hora até que não ouvi mais o gerador.

Com um estrondo, desfez-se também a luz.

Tentei dormir, mas ao fechar os olhos, minhas pálpebras eram de um avermelhado translúcido, colérico e incômodo.

Tão diferente da escuridão tranquila do Saara visto de cima.

Não era me tornar invisível que eu temia. Sabia que isso seria impossível. Mesmo sem passaporte. Se morresse em uma manifestação da periferia, os jornais brasileiros saberiam encontrar este Congo no mapa.

Não temia a invisibilidade.

Tinha medo de não saber identificar seus matizes.

Salvo este e-mail na pasta de rascunho, tentarei dormir.

Espero que possamos nos falar amanhã.

Um beijo,

Manu.